

Dossiê Temático

Epistemologias étnica e racialmente diferenciadas

Jane Felipe Beltrão (org.)¹
Universidade Federal do Pará

Talytta Suenny Araújo (org.)²
Fundação Nacional dos Povos Indígenas

Rhuan Carlos dos Santos Lopes (org.)³
Universidade Federal do Pará

Almires Martins Machado (org.)⁴
Universidade Federal do Pará

¹ Antropóloga, historiadora, professora titular, docente permanente dos programas de pós-graduação em Antropologia (PPGA) e Direito (PPGD) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Bolsista de produtividade em pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

² Arqueóloga, antropóloga e historiadora. Atualmente atua na Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) em Marabá/Pará.

³ Arqueólogo e Antropólogo, professor assistente da Universidade Federal do Pará e no Programa Associado em Antropologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab).

⁴ Bacharel em Direito pelo Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN), mestre em Direito pelo Programa de Pós-Graduação em Direito (PPGD) e doutor em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) ambos na Universidade Federal do Pará (UFPA). Membro dos povos Guaraní e Terena. Atualmente realiza pós doutorado junto ao PPGD, no Instituto de Ciências Jurídicas (ICJ) na UFPA.

APRESENTAÇÃO AO DOSSIÊ
**E por falar em epistemologias étnicas e raciais...
faz-se necessário apresentar a diversidade**

Trazer a lume as epistemologias étnica e racialmente diferenciadas é oportuno porque permite conhecer os estudos referentes aos povos e comunidades tradicionais além de insistir em promover o equilíbrio das multivozes nas revistas acadêmicas, visto que hoje, é imperioso apresentar outras ontologias, a partir de estudos centrados nas formas com que povos e comunidades tradicionais compreendem e se relacionam com seus territórios, patrimônios e ambiente em geral escritos pelos indígenas intelectuais e seus aliados que procuram compreender a diversidade étnica e racial em busca de uma sociedade menos racializada e discriminatória.

É Tim Ingold em *A vida das linhas*, publicado em 2015, diz que todo o ser, para viver, precisa traçar uma linha e que ao longo da vida, essas linhas se entrelaçam com muitas outras. A vida, para o autor, é vivida ao longo dessas linhas, assim cada ser é uma linha e vive ao longo da linha de sua vida e das linhas de vida de outros seres. Os escritos de Ingold refere uma outra ontologia, que se relaciona com o mundo sem estar centrada unicamente no ser humano, pois é possível considerar outras “linhas” nesse “emaranhado” de vida.

Similarmente, outras ontologias são igualmente reivindicadas por povos e comunidades tradicionais. Ailton Krenak (2022) em seu livro *Futuro ancestral* destaca em diferentes momentos a narrativa que foi sendo construída a respeito da “centralidade” do ser humano (ocidental) que implica no silenciamento/apagamento de “todas as outras presenças”, e nesse silenciamento estaria o capitalismo a “empobrecer a existência” nossas existências (dos povos indígenas).

No caso das sociedades tradicionais, referidas por Krenak (2022), as “linhas” apontadas por Ingold (2025) são necessariamente coletivas e portanto se apresentam em redes de convivência e simbolismo, portanto urge compreendê-las para respeitar a diversidade humana como diferença, evitando a todo custo a desigualdade e as incompreensões geradas pela postura etnocêntrica e discriminatória.

Assim, esse dossiê justifica-se pela necessidade de diálogo acadêmico equitativo com as epistemologias diferenciadas. As políticas públicas desenvolvidas nas universidades Apartir do diálogo com as demandas históricas dos povos étnica-

mente diferenciados, tanto na graduação e como na pós-graduação, vêm possibilitando maior equidade de direitos para que as pessoas étnica e racialmente diferenciadas alcancem a educação formal em nível superior. Entretanto, há muitos caminhos a serem percorridos.

Ao contemplar os objetivos do dossiê a seleção dos artigos indica que o apelo por epistemologias diferenciadas repercute, e seus diálogos políticos, têm sido a força importante para a expansão da escuta qualificada junto ao mundo acadêmico. Considerando o diálogo, os artigos aprovados para este dossiê acompanham a dinâmica acima exposta e nos apresentam debates fundamentados sobre as epistemologias diferenciadas.

Inicialmente, Uwira Xakriabá (nome civil: William César Lopes Domingues) nos brinda com um primoroso trabalho sobre as *Epistemologias indígenas e decolonialismo: por uma ecologia de saberes na construção do pensamento latino-americano* apresentando a contribuição das epistemologias indígenas no âmbito das teorias decoloniais. O artigo demonstra como o pensamento dos povos indígenas desafia a hegemonia do pensamento ocidental dominante e propõe modos plurais para a produção do conhecimento. As epistemologias indígenas são, do ponto de vista de Uwira Xakriabá, condição fundamental para o enfrentamento da colonialidade do saber e do poder, permitindo uma reflexão crítica latino-americana, para tanto o autor utiliza de bibliografia analítico-interpretativa formulada por autores indígenas e não indígenas.

O artigo se constitui na luva necessária a abertura da discussão que as/os organizadoras/es requerem como desafio do presente dossiê, pois traz a lume as epistemologias que podem produzir pluralismo de saberes e respeito a diversidade criando veredas para mudanças na hegemonia até então vigente. Assim sendo, a adoção de novos procedimentos podem orientar novos caminhos e quem sabe novas possibilidades de reflexão.

O artigo *Povo Akrātikatêjê e os significados do Protocolo de Consulta livre, prévia e informada* escrito por José Ubiratan Sompré apresenta a experiência do povo *Akrātikatêjê* que transforma a burocracia que acompanha o protocolo de consulta livre, prévia e informada em expressão de autonomia, reciprocidade e continuidade da vida coletiva. Abrindo veredas para a compreensão diferenciada das ações necessárias à elaboração do Protocolo de Consulta. O trabalho que Sompré, mesmo sem ter tido a intenção, pavimenta o caminho do próximo artigo, pois demonstra como a discussão entre os *Akrātikatêjê* se transforma em reafirmação da autodeterminação.

Vinícius Brito da Silva Machado escreve sobre *A Lei do Povo: os Protocolos Autônomos de Consulta como Afirmação do Direito Pluriversal* apontando a ineficácia da Consulta Prévia, Livre e Informada, que propõem os Protocolos Autônomos de Consulta como virada epistêmica, uma vez que os protocolos procuram superar a mera aplicação da norma, pois as discussões levadas a efeito entre os diversos povos indígenas materializam o exercício da autodeterminação, contestando o Estado que insiste em desconhecer a pluridiversidade, a jusdiversidade (Souza Filho, 2021) e a sensibilidade jurídica (Geertz, 1998).

Em *“Tem marés grandes aí que dá até medo, cobre a rua todinha”*: uma etnografia das relações das pessoas com as águas proposto por Marcos Samuel Costa da Conceição, antropólogo morador da ribeira no Arquipélago do Marajó, traz as narrativas dos moradores sobre seu território quando afetado pelas grandes águas, fenômeno recorrente nas Amazônias, com múltiplos sentidos sociais, atualizados a partir das experiências das pessoas ribeirinhas, que na maioria das vezes têm seus conhecimentos ignorados pelo Estado.

No artigo *O clima também discrimina: os desafios das mudanças climáticas*, escrito por Renata Quadros e Daniel de Aviz Correa Junior e Cristina Figueiredo Terezo Ribeiro, vamos acompanhar a reflexão sobre as vias da intolerância e da deslegitimação epistêmica do racismo climático em tempos de crise.

Shana Rohmann, Bianca Mioduski, Adiléia Ribeiro Santos e Silmara Carneiro e Silva se uniram para discutir o *Racismo estrutural e desenvolvimento no Brasil: entre a violência costumeira e a seletividade penal*, tendo em vista a relação entre racismo e sistema carcerário no Brasil e sob o argumento da seletividade penal, observando sempre a lógica dominante, fato que ignora as diferentes noções de justiça como seria interessante considerar a partir da sensibilidade jurídica como ensina Geertz (1998).

Elvis Gomes Marques Filho vem a público apresentando as *Epistemologias em disputa e desterritorialização: arqueogenealogia do Relatório Figueiredo no Sul do antigo Mato Grosso (1910–1967)* que aponta para o processo de desterritorialização vividos pelos povos indígenas nativos do Sul do antigo Mato Grosso nos primeiros 70 anos do século XX, que resulta das disputas epistemológicas nas quais o Estado, por meio de rotinas burocráticas e dispositivos tutelares, converteu direitos territoriais em variáveis administráveis que desconsideraram as ontologias indígenas na definição dos territórios produzindo efeitos deletérios aos direitos indígenas, sobretudo a organização social dos donos originais do território.

No artigo *Diferenças, tensões e articulações entre os conhecimentos indígenas em saúde e o modelo biomédico na formação universitária*, Thalyta Gomes, Socorro Nina e Marcelo Calegare nos fazem refletir como o pensar ocidental tem sido posto como parâmetro e verdade ao longo do tempo ao examinar as percepções de mulheres indígenas universitárias que convivem com o saber acadêmico biologicista comumente ensinado nas escolas médicas e os saberes tradicionais de seus territórios que adotam uma perspectiva integral que envolve dimensões espirituais, emocionais e territoriais, apontando assim para dificuldades com o saber hegemônico.

Dando continuidade ao dossiê o trabalho sobre *A inclusão curricular de epistemologias de povos e comunidades tradicionais: desafios e práticas de professoras/es indígenas e quilombolas* escrito por Jackeline Franco Rodrigues sublinha a permanência de lógicas coloniais que hierarquizam saberes e invisibilizam cosmologias indígenas e quilombolas. A reflexão destaca a importância da transformação das bases epistêmicas da escola, com participação ativa das comunidades e valorização de pedagogias territorializadas, trabalho que se faz imprescindível para não invisibilizar os povos tradicionais.

Claudinei Espírito Santo escreve sobre *A periferia, sua composição sociológica e epistemológica: um estudo de caso do feminino em Carapicuíba, região metropolitana de São Paulo* encerra o dossiê informando, como o fizeram as/os demais autoras/es, que as dificuldades de aceitar a diversidade e sobretudo demonstrando a discriminação de gênero que subtrai direitos, favorecendo a permanência das desigualdades tanto no mundo tradicional, quanto no mundo referenciado como urbano.

Os desafios que como autoras/es enfrentamos são bastante drásticos entre as sociedades às quais nos referimos, via os diversos artigos.

Interroga-se, até quando, os Brasis, as Amazônias permanecerão desiguais? Pensamos que ao sair do campo da ciência precisamos nos debruçar sobre a instituição de políticas públicas que atendam os direitos de cada uma/um de nós e de nossos coletivos.

Nossa proposta, enquanto organizadoras/es do dossiê *Epistemologias étnica e racialmente diferenciadas: diálogos possíveis* é provocar a reflexão das/os leitoras/es para que cada pessoa assuma a cidadania que lhe permite reivindicar socialmente o “bem-estar” almejamos, tal qual requerido pelas sociedades tradicionais.

Boa leitura!

Referências

INGOLD, Tim. *The life of lines*. Milton Park, Abingdon, Oxon; New York, NY: Routledge, 2015.

KRENAK, Ailton. *Futuro Ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

GEERTZ, Clifford. *O saber local*. Petrópolis: Vozes, 1998.

SOUZA FILHO, Carlos Frederico Marés de. Jusdiversidade. *Revista Videre*, 13 (26): 8-30, 2021.

VOLUME 13
NÚMERO 33
(SET./DEZ. 2026)

ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-GESTE
ISSN: 2358-5587

CHAMADA DE ARTIGOS
DOSSIÊ TEMÁTICO:

ETNOGRAFIA, ESCRITA DE SI
E ESCRITA ENTRE OS SEUS:
EXPERIMENTAÇÕES,
DESAFIOS
E POTENCIALIDADES

COORDENADORXS:
DR. DR. LEANDRO DE OLIVEIRA (UFMG)
DR. DR. FELIPE TUXÁ SOTTO MAIOR CRUZ (UFBA)

**PRAZO FINAL
DE SUBMISSÃO:
30 DE JULHO
DE 2026**

33

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso

VOLUME 14
NÚMERO 34
(JAN./ABR. 2027)

ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-GESTE
ISSN: 2358-5587

CHAMADA DE ARTIGOS
DOSSIÊ TEMÁTICO:

CIDADES EM DISPUTA:
GÊNERO, RAÇA, SEXUALIDADE
E OUTRAS DIFERENÇAS
NA PRODUÇÃO DO
ESPAÇO URBANO

COORDENADORXS:
DR. DR. GUILHERME R. PASSAMANI (UFMS)
DR. DR. FRAMON PEREIRA DOS REIS (UEPA)

**PRAZO FINAL
DE SUBMISSÃO:
30 DE NOVEMBRO
DE 2026**

34

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso